**“A Cara do Brasil”:**

**Reflexões sobre a Alma Brasileira através de uma imagem**

Marita de Jesus Padilha Bombel[[1]](#footnote-1)

Analista Supervisora: Rosa Brizola Felizardo

*(...) o Brasil o que será? O Brasil é o homem que tem sede ou quem vive da seca do sertão?  
Ou será que o Brasil dos dois é o mesmo o que vai é o que vem na contra-mão?  
O Brasil é um caboclo sem dinheiro procurando o doutor nalgum lugar (...)  
A gente é torto igual Garrincha e Aleijadinho ninguém precisa consertar  
Se não der certo a gente se virar sozinho decerto então nunca vai dar  
O Brasil é o que tem talher de prata ou aquele que só come com a mão?  
Ou será que o Brasil é o que não come o Brasil gordo na contradição?  
O Brasil que bate tambor de lata ou que bate carteira na estação?  
O Brasil é o lixo que consome ou tem nele o maná da criação?  
Brasil Mauro Silva, Dunga e Zinho que é o Brasil zero a zero*

*e campeão ou o Brasil que parou pelo caminho:  
Zico, Sócrates, Júnior e Falcão A gente é torto igual Garrincha e Aleijadinho...*

*O Brasil é uma foto do Betinho ou um vídeo da Favela Naval?  
São os Trens da Alegria de Brasília ou os trens de subúrbio da Central?  
Brasil-globo de Roberto Marinho? Brasil-bairro: Carlinhos-Candeal?  
Quem vê, do Vidigal, o mar e as ilhas ou quem das ilhas vê o Vidigal?  
O Brasil encharcado, palafita?  
Seco açude sangrado, chapadão?  
Ou será que é uma Avenida Paulista?  
Qual a cara da cara da nação? (...)*

[*Celso Viáfora*](https://www.letras.mus.br/celso-viafora/) *e Vicente Barreto*

*Interpretação: Ney Matogrosso*

O ano é 2020. Iniciam os rumores sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Ainda no mês de janeiro, as autoridades chinesas confirmaram se tratar de um novo tipo de coronavírus, que não havia sido identificado antes em seres humanos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), os coronavírus são a segunda principal causa de resfriado comum (após o rinovírus). E estão em toda parte. Até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos. Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19. Assim, no final de janeiro deste ano, a OMS declara que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. Alertam para a necessidade de solidariedade global para interromper a propagação do vírus! Em 11 de março, a OMS caracterizou a COVID-19 como uma pandemia, reconhecendo a existência de surtos da nova doença em vários países e regiões do mundo. No Brasil, o primeiro caso de coronavírus foi confirmado em 26 de fevereiro, sendo em junho retificada a informação, considerando o primeiro caso em 12 de fevereiro. Em meados de março, tem início em várias cidades do país diversas medidas restritivas para **conter a propagação do novo coronavírus.** (OPA/OMS, 2020)

As reflexões que serão trazidas neste trabalho, a partir de agora, foram motivadas pelo forte impacto de uma imagem que se revelou neste contexto da pandemia do COVID-19.

A imagem apresentou-se na cidade de Caxias do Sul na Serra Gaúcha, mas muito provavelmente, se replicou em outros lugares, com algumas pequenas diferenças. Era um dia cinzento, típico do outono da região. Combinava com o asfalto gasto da rua, e com o olhar apreensivo de algumas pessoas que iam e vinham, se deslocando entre o mercado, o posto de gasolina e algumas lojas comerciam. Apesar de estarmos a cerca de quinze dias do início do isolamento social na região, o uso da máscara ainda não era obrigatório e por isso foi possível sem dificuldade, avistar através do vidro do carro, um homem negro, vestido com um uniforme azul, vestimenta geralmente utilizada por metalúrgicos da região, considerada o principal polo da indústria metal mecânica do Rio Grande do Sul.

Este homem não tinha a aparência habitual das pessoas em situação de rua que se costuma ver no município. Estas geralmente aparentam desnutrição, pois sua alimentação é incerta e inadequada. Também se observa nelas poucas condições de higiene, como é próprio da vida nas ruas. Também não se identificava com os dependentes de álcool/drogas, que as utilizam por vezes como formas de anestesiar a dura realidade. Pessoas estas, que para muitos de nós, são invisíveis, tamanha a indiferença que desenvolvemos diante de suas presenças.

O homem em questão aparentava um pouco mais de 50 anos de idade e um evidente sobrepeso. Estava uniformizado com jaleco. Se deslocava com andar agitado, buscando aproximar-se dos carros que paravam na sinaleira. Em uma de suas mãos era possível ver que ele carregava algo, que ele ostensivamente erguia por alguma razão. Aproximando-se era possível ver do que se tratava, era uma Carteira Trabalho, azul, assim como seu uniforme.

Em meio a lágrimas, demonstrando desespero, o homem procurava falar a quem lhe oferecesse breve escuta, enquanto o sinal, por alguns segundos, poucos segundos, se mantinha fechado. Contava que havia chegado recentemente à cidade para trabalhar, e que a pandemia chegou junto, e com ela, o trabalho se foi. Ali, chorava seu desamparo, amedrontado vendo a morte à espreita. Pedia ajuda para voltar à sua região de origem, para seu lar, em uma cidade do Mato Grosso. Eis uma das *caras do Brasil*, que se mostra, desta vez, pela pandemia.

Aquele homem ou senhor, ou ainda trabalhador com seu uniforme azul, não tornava simples saber como chamá-lo, pois não sabendo seu nome, foi através de sua imagem, com sua carteira de trabalho em mãos, que se apresentou. Falava de uma crise, de natureza pessoal e coletiva, mundial e nacional.

A imagem, desse Cidadão Brasileiro, assim que defini chamá-lo, atravessou meu caminho e ficou. E está! Com a constância de sua presença, mostra seu valor. Como diria Hilmann, “valor de alma” (Hillman, 2019, p. 52). O que ela diz? Para que ela se apresenta? Vamos dar lugar a ela e compartilhá-la aqui.

Ela nos faz pensar em um tempo em que ter a Carteira de trabalho e Previdência Social ou Carteira Profissional (CTPS) assinada, despertava enorme orgulho para muitos trabalhadores e famílias. Como um diário, era possível através dela ter o registro da vida profissional de seu portador. Na região sul do Brasil, colonizada por imigrantes italianos, era ensinado desde a infância, que quanto menos assinaturas nela constarem, e quanto maior o tempo de permanência em cada lugar, maior a sua virtude. Contar que permaneceu mais de 20 anos em um mesmo local de trabalho, era um grande indicativo de que ali estava um excelente trabalhador, responsável, fiel e dedicado à empresa e ao trabalho, esse “vestiu a camiseta” era a expressão que trazia muito orgulho. Muitas pessoas, ainda hoje nesta região, agregam ao seu nome o nome da empresa, e assim ouve-se falar do *Alemão da Marcopolo*, do *João da Gazola*, da *Maria do Pompéia*, entre tantos outros. Aqui se evidencia a importância do sentimento de pertencimento e reconhecimento a uma coletividade.

 A Carteira de Trabalho conferia ao seu portador, respeito e dignidade. Instituída pelo decreto nº 21.175, de [21 de março](https://pt.wikipedia.org/wiki/21_de_mar%C3%A7o) de [1932](https://pt.wikipedia.org/wiki/1932), e regulamentada pelo decreto 22.035, de [29 de outubro](https://pt.wikipedia.org/wiki/29_de_outubro) de 1932, o documento buscou garantir o acesso a alguns dos principais direitos trabalhistas, como [seguro-desemprego](https://pt.wikipedia.org/wiki/Seguro-desemprego), benefícios previdenciários, [Fundo de Garantia do Tempo de Serviço](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fundo_de_Garantia_do_Tempo_de_Servi%C3%A7o) (FGTS) e [Programa de Integração Social](https://pt.wikipedia.org/wiki/Programa_de_Integra%C3%A7%C3%A3o_Social) (PIS). Em [1934](https://pt.wikipedia.org/wiki/1934), o [governo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Governo) do presidente [Getúlio Vargas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Get%C3%BAlio_Vargas) tornou a carteira de trabalho obrigatória para fins de consolidação dos direitos trabalhistas.

Hoje, por diversas razões, a Carteira de Trabalho, para os mais jovens, já não parece mais ter toda essa representação. Em 2018, visando modernizar o acesso às informações do trabalhador, o Ministério do Trabalho lançou a Carteira de Trabalho Digital, sendo esta uma extensão da carteira impressa. Mais recentemente, o atual presidente da República, propôs mudar o azul da carteira para verde amarelo. Interessante pensarmos que em meio a isso existem várias propostas tramitando, tendo por consequência a retirada de diversos direitos trabalhistas. Talvez mudar para verde e amarelo, que para muitos remete ao patriotismo, com toda sua nova configuração de perdas ao trabalhador brasileiro, fique realmente mais com a “Cara do Brasil”.

Fazendo uma interlocução com a sociologia, Bernard Sorj (2004) refere que a CTPS, além de ser um mecanismo de acesso aos direitos sociais também se mostra como instrumento de reconhecimento simbólico e até mesmo prático. O autor relata que a polícia utilizou e, ainda utiliza a carteira de trabalho para fazer “triagem” em bairros populares.

Interessante pensarmos que na imagem aqui compartilhada, o nosso “cidadão brasileiro” é um homem negro, que apresenta sua Carteira Profissional e o seu uniforme como verdadeiros escudos, defesas para sua identidade e dignidade. Uma proteção de possíveis manifestações de hostilidade moral e física, que muitas vezes pessoas em situação de rua, ou devido a sua raça, são vítimas.

Cerca de um mês após o encontro com o cidadão brasileiro, o Brasil foi impactado com a notícia da morte do menino João Pedro, 14 anos, morto a tiros durante uma operação policial em São Gonçalo no Rio de Janeiro. Uma semana depois o mundo foi impactado pela cena filmada em celular, de um homem negro, norte-americano, chamado George Floyd, sendo assassinado brutalmente por um policial, que imobilizando-o com seu joelho, deitado no chão, foi perdendo a respiração enquanto repetia: *“Eu não consigo respirar...”*

Em reportagem publicada no Jornal Pioneiro, intitulada: *“É hora de dizer não ao racismo”* (2020) o jornalista Marcelo Mugnol coloca que a morte de Floyd é simbólica, pois o policial asfixia até George silenciar. Assinala que *“O racismo não é apenas a palavra que machuca, fere e menospreza. Porque o racismo feroz e eficaz silencia a voz do outro.”*

Apresentam-se diversas imagens nacionais e mundiais durante a pandemia. E elas mostram, expressam, gritam, clamam!

A morte de George Floyd gerou impressionantes manifestos nos Estados Unidos e foram se propagando em diversos lugares do mundo. George Floyd, cidadão americano, após sua morte encontrou escuta, sensibilizando não a todos, mas a muitos. Infelizmente além dessas imagens de violência, estamos vivenciando nessa pandemia por parte de muitas pessoas e governantes, um discurso de banalização da morte, pessoas sendo convertidas apenas em números, sendo destituídas de alma, tendo inclusive o seu registro de morte pelo coronavírus ameaçado nas estatísticas. As manifestações pelo mundo parecem gritar que: **“Vidas Importam”.**

Aqui faço menção à colocação do sociólogo Boa Ventura de Sousa Santos, hoje tão atual quando nos diz: ***“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem, lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize”.*** (apud Ministério da Saúde, 2012)

Na obra *“Psicanálise Junguiana: trabalhando no espírito de C. G. Jung” (2019)* o capítulo *“Complexos culturais em análise”,* escrito por Singer e Kaplinsky, nos ajudam a compreender a eclosão e a intensidade destas diversas manifestações pelo mundo, a partir da morte de Goerge Floyd.

Os autores apresentam a construção do conceito de **Complexo Cultural** na abordagem junguiana, a partir das contribuições de Jung da teoria original dos complexos e sua relação com o processo de individuação e a vida nos grupos, aliada a teoria de Joseph Hendersen do inconsciente cultural. De acordo com os analistas Singer e Kaplinski, *“O melhor modo de saber que se está tocando um complexo cultural – seja de um grupo ou de um indivíduo – é pela reatividade emocional que certos temas automaticamente despertam.”* (p. 71)

Neste sentido, todas essas imagens apresentadas parecem nos falar, reativar, reatualizar traumas, complexos culturais. Os autores apresentam as seguintes características aos Complexos culturais:

“1) Eles se expressam em poderosos estados de ânimo e comportamentos repetitivos. A reatividade emocional ou afetiva altamente carregada é o cartão de visita deles.

2) Eles resistem aos nossos esforços mais heroicos de conscientizá-los e permanecem, em sua maior parte, inconscientes.

3) Eles acumulam experiências que validam seu ponto de vista e criam um depósito de memórias ancestrais autoafirmativas.

4) Os complexos pessoais e coletivos funcionam de um modo involuntário e autônomo, e tendem a um ponto de vista simplista que substitui a ambiguidade e incerteza cotidianas por atitudes fixas, frequentemente presunçosas, para com o mundo.

5) Além disso, os complexos pessoas e culturais têm, ambos, núcleos arquetípicos; ou seja, eles expressam atitudes tipicamente humanas e se enraízam em ideias primordiais sobre o que é significativo, o que torna muito difícil resistir, refletir e se distanciar deles.” (p. 59-60)

Perrone (2019) ao referir-se ao complexo pessoal, mas como assinalado anteriormente, nos auxilia na construção para uma teoria dos complexos culturais, coloca que,

“(...) o complexo também é chamado de trauma na psicologia analítica, pois é constelado pela evocação de uma experiência traumática, de um ponto sensível. O trauma se dá diante de uma ocorrência que é inusitada, para a qual a psique não se sente preparada.” (p. 115)

Diversos analistas junguianos brasileiros, entre eles Walter Boechat, Roberto Gambini, Dulce Helena Rizzardo Briza, Humberto Oliveira, José Jorge Zacharias, entre outros, tem se dedicado ao estudo da alma brasileira, a partir de sua história, do estudo da mitologia brasileira, da cultura popular, para contribuir na compreensão dos complexos culturais que nos constituem.

NA obra ***“A mutilação da alma brasileira: um estudo arquetípico*” (2006)**, de Dulce H. R. Briza, a autora, faz um estudo aprofundado da alma brasileira, tecendo considerações sobre a formação do povo brasileiro, a partir do índio, do branco e do negro. Assinala as inúmeras mutilações físicas e simbólicas vivenciadas desde a “descoberta” e colonização do Brasil, e que mantém até hoje feridas abertas no indivíduo e na alma da nação. Se utiliza da literatura da época dos viajantes europeus, que possibilitou interpretar a visão de mundo, das relações, as ideologias em relação à população cativa nativa e à nossa terra.

Percorre a história dos índios, fazendo importantes considerações sobre a violação, destruição e tentativas de escravização dos nossos primeiros habitantes e donos da terra, bem como dos efeitos na alma indígena. No que tange a este trabalho é importante considerar o que ela destaca, *“Marcante fica o fato de que o índio preferiu muitas vezes à morte à escravidão, não se submetendo a esta. Por isso vieram os negros.”* (p. 44)

Destaca que o objetivo não era o de povoar a nova terra, nem de preservá-la. Agindo de forma predatória, a intenção era a de desenvolver uma estrutura de produção, através de grandes propriedades monocultoras para fins de comercialização. O negro então veio para fundamentar essa estrutura.

Briza retrata como eram feitos os tráficos de escravos, destacando o caráter de violência e crueldade das viagens marítimas, mostrando que a travessia que trazia para a América era uma verdadeira mutilação da alma do negro, onde inúmeras mortes aconteciam, por falta de mínimas condições de sobrevivência.

Nos mostra, a partir dos diversos relatos registrados da época, a forte crença de superioridade do branco em relação ao negro. Relata as diversas mutilações frutos dos castigos, que muitas vezes causavam deformações físicas e cicatrizes no corpo. Violência iniciada na captura dos negros na África, na travessia do oceano e na escravização na nova terra. Além disso, a separação de tudo o que lhe era mais importante, como sua cultura e sua religiosidade. Contudo assinala que, *“Apesar dessa situação de servidão e dominação, o negro ainda cantava e dançava, para tornar sua vida tolerável.”* (p. 58)

Importante considerar também que no Brasil a escravidão era tão enraizada que a abolição da escravatura aconteceu somente em 1888, sendo nossa nação a última dos países ocidentais a efetuá-la. É fundamental ressaltar também que a abolição não cuidou de criar real transformação social e assim os negros seguiram em condição de terrível carência.

As situações de mutilação da alma, constantemente atualizadas trazem uma dor que é pessoal para quem às vivencia, mas também é coletiva. Diante disso surgem vários questionamentos. O que fazer com essas imagens, o que fazer com o que vemos, com aquilo que de alguma forma testemunhamos? O que fazer? O não fazer nada nos coloca de alguma forma em cumplicidade com a violência constantemente atualizada!

O sociólogo José Machado Pais (2016), coloca que *“A alienação torna-se evidente entre quem se aliena da dor alheia, desumanizando o semelhante quando dele não faz caso.”* Nos chama a atenção para a *“privação da atenção.”* Fazendo referência a Simmel compartilha possibilidades através do que vemos, fazendo considerações sobre o olhar:

“O olhar é um recurso notável da observação sociológica. A interação entre indivíduos baseia-se num intercâmbio de olhares. Mas o olhar através do qual se procura entender o outro, é expressivo. Pelo modo como olho o outro, revelo-me a mim próprio.” (Pais, 2016, n. p.)

O autor reclama um olhar intrometido *“Olhar metido no que normalmente se desolha, mas também comprometido, isto é, envolvendo um compromisso, uma obrigação de denúncia, de desocultação, de desvendamento.”* (2016, n. p.)

É preciso urgentemente acreditar que todos esses acontecimentos, com todos seus desdobramentos nos façam refletir sobre nossa disposição de olhar. Como estamos nos constituindo como analistas em formação. Qual nosso lugar? O que nos cabe diante das dores da alma do mundo?

Umas das questões que emergem é sem dúvida, a experiência da alteridade. O reconhecimento do outro, que pode ser o outro em mim ou o outro fora de mim. A partir do respeito à vida, á cultura e a subjetividade. Onde haja respeito e tolerância a todas as expressões, sejam elas individuais e coletivas. Onde a morte do outro não vire número, não seja banalizada em discursos de que a violência sempre aconteceu. Como se uma vida humana pudesse ser vista apenas como mais um caso. Onde a vida destas pessoas, independente de sua idade, seja de 0 ou mais de 100 anos, tenha seu valor reconhecido. Onde os diferentes encontros, sejam comigo ou com o outro estejam acompanhados pelo olhar intrometido, comprometido e conectado com a sensibilidade.

Hoje vivemos mais uma batalha em prol da vida, mais uma batalha para a alma do mundo, mais uma batalha para a alma brasileira, que vive esse momento com sua história, com seu jeito, com sua cara.

“A alma, mesmo mutilada, pode engendrar seu processo de resgate e transformação, adquirindo uma identidade própria e peculiar. Pode se regenerar e recriar uma nova unidade, apesar de fazer parte de uma totalidade maior. Assim preserva sua integridade, sua poética, sua linguagem, sua estética.” Briza (2006)

O homem que inspirou essa breve reflexão, não sei... voltei algumas vezes ao mesmo lugar... não o encontrei mais... Desejo que ele não tenha esmorecido, e que tenha de alguma forma, reencontrado seu lar, seu lugar.

Agradeço muito a ele por tudo que me trouxe, despertou e para onde me levou e ainda levará através deste encontro. Pela força e potência contida em sua imagem, e por demonstrar a capacidade transformadora dos encontros.

**Referências Bibliográficas**

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Manual sobre o cuidado à saúde junto à população em situação de rua. [Ministério da Saúde]. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

Briza, Dulce Helena Rizzardo. *A mutilação da Alma Brasileira: um estudo arquetípico.* São Paulo: Vetor, 2006.

Hillman, James. Uma investigação sobre a imagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

Mendes, Denis Canal; Eugênio, Patrícia. Diversidade: o outro em mim. São Paulo: Sattva, 2019.

Mugnol, Marcelo. É hora de dizer não ao racismo. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 06/07, Junho, 2020. Almanaque.

Pais, José Machado. *Nos Rastos da Solidão. Deambulações Sociológicas.* Edições Machado. Não paginado. Versão Online: <https://books.google.com.br/books/about/Nos_Rastos_da_Solid%C3%A3o_Deambula%C3%A7%C3%B5es_So.html?id=CTwODAAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>.

Sorj, Bernardo. *A Democracia Inesperada. Direitos Humanos, Sociedade Civil e Crise da Política Partidária.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Stein, Murray (editado por). *Psicanálise Junguiana: trabalhando no espírito de C. G. Jung.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e OMS (Organização Mundial da Saúde) Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875>. Acesso em: 28 de Jun. 2020.

**ANEXO**

**A Cara Do Brasil**

Eu estava esparramado na rede  
jeca urbanóide de papo pro ar  
me bateu a pergunta, meio à esmo:  
na verdade, o Brasil o que será?  
O Brasil é o homem que tem sede  
ou quem vive da seca do sertão?  
Ou será que o Brasil dos dois é o mesmo  
o que vai é o que vem na contra-mão?  
O Brasil é um caboclo sem dinheiro  
procurando o doutor nalgum lugar  
ou será o professor Darcy Ribeiro  
que fugiu do hospital pra se tratar  
A gente é torto igual Garrincha e Aleijadinho  
Ninguém precisa consertar  
Se não der certo a gente se virar sozinho  
decerto então nunca vai dar  
O Brasil é o que tem talher de prata  
ou aquele que só come com a mão?  
Ou será que o Brasil é o que não come  
o Brasil gordo na contradição?  
O Brasil que bate tambor de lata  
ou que bate carteira na estação?  
O Brasil é o lixo que consome  
ou tem nele o maná da criação?  
Brasil Mauro Silva, Dunga e Zinho  
que é o Brasil zero a zero e campeão  
ou o Brasil que parou pelo caminho:  
Zico, Sócrates, Júnior e Falcão A gente é torto igual Garrincha e Aleijadinho... O Brasil é uma foto do Betinho  
ou um vídeo da Favela Naval?  
São os Trens da Alegria de Brasília  
ou os trens de subúrbio da Central?  
Brasil-globo de Roberto Marinho?  
Brasil-bairro: Carlinhos-Candeal?  
Quem vê, do Vidigal, o mar e as ilhas  
ou quem das ilhas vê o Vidigal?  
O Brasil encharcado, palafita?  
Seco açude sangrado, chapadão?  
Ou será que é uma Avenida Paulista?  
Qual a cara da cara da nação? A gente é torto igual Garrincha e Aleijadinho ...

[**Celso Viáfora**](https://www.letras.mus.br/celso-viafora/) **e Vicente Barreto**

1. Psicóloga, especialista em Psicologia Hospitalar, com formação em Tanatologia e Arteterapia. Candidata a Analista Junguiana pelo IJRS. E-mail: maritajpsi@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)